



**Entrevista coletiva concedida pelo Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, no trajeto de Paris a Londres, a bordo de trem de alta velocidade**

**1º de abril de 2009**

**Jornalista:** O presidente Sarkozy ameaçou se levantar da mesa se o documento não tiver medidas concretas. O senhor seguiria a mesma atitude, se ele não tiver (incompreensível)?

**Presidente:** Primeiro, em uma reunião de chefes de Estado, você só se levanta da mesa quando você conclui o que você se propôs a fazer. Nós estamos lá para discutir uma saída para a grave crise econômica que toma conta do mundo, e eu penso que não há concordância sobre todos os temas. Portanto, nós temos que discutir até encontrarmos um denominador comum.

Obviamente que eu estou convencido de que nós não podemos (incompreensível)...

Eu penso que não se trata de se levantar ou de ficar. Nós viemos para uma reunião com o propósito de encontrar soluções para uma crise econômica. Não temos concordância em todos os pontos, até porque somos mais de (incompreensível).

O que eu acredito é que nós vamos debater os temas, vamos tentar tirar as diferenças e vamos ver o que é o acordo possível de ser feito. O que não pode é imaginar que essa reunião pode terminar sem decidir nada, porque eu penso que ela começa a cair na descrença da sociedade, e eu acho que o que está acontecendo no mundo não pode esperar mais uma reunião daqui a quatro meses. Portanto, eu estou otimista de que nós vamos tomar decisões importantes e vamos começar a encaminhar soluções para a crise econômica.



**Jornalista:** Quais são os pontos inegociáveis? O que não dá para sair dessa reunião sem (incompreensível) acordo?

**Presidente:** Não se trata de serem inegociáveis, gente. Você não faz uma negociação com o pé na parede, ou dá ou desce. Não existe isso em negociação.

**Jornalista:** Qual é o mínimo?

**Presidente:** O que nós precisamos, primeiro, é restabelecer o crédito internacional. Cada país vai ter que restabelecer o crédito interno, cada país vai ter que contribuir. Os que podem mais vão contribuir para restabelecer o crédito externo, sobretudo para facilitar o fluxo de exportação. Para isso, você precisa fortalecer o Fundo Monetário [Inter]nacional, você pode fortalecer o Banco Mundial. É preciso fazer com que o FMI tenha dinheiro para emprestar aos países emergentes que precisam de recursos, e essas decisões nós vamos ter que tomar aqui. O que é importante é vocês terem em conta que essa crise pega alguns países, como os Estados Unidos, que têm mais responsabilidade com a crise, porque é o país mais rico do mundo, que tem que resolver o problema externo e o problema interno. É preciso recuperar a credibilidade da demanda interna, ao mesmo tempo é preciso fazer com que o povo americano volte a consumir, depois é preciso cuidar de irrigar o crédito internacional, tem que resolver o problema dos chamados créditos tóxicos, que no Brasil nós conhecemos popularmente por créditos podres. É preciso resolver. Não se sabe até quando eles vão colocar dinheiro nos bancos que já quebraram, e esse dinheiro precisa voltar para a economia.

Portanto, eu penso que amanhã vai ser o momento de uma grande decisão. É a primeira participação do Obama no Fórum Multilateral, é a primeira dele no G-20, portanto, eu acho que todo mundo está com expectativa



de saber o que o Obama vai dizer ou não, até porque todo mundo sabe que ele tem, por serem os Estados Unidos o país mais rico do mundo, ele tem mais responsabilidade.

**Jornalista:** O senhor foi citado pelo Gordon Brown, na coletiva em conjunto com o Barack Obama, hoje?

**Presidente:** Bem, eu estive com o Gordon Brown outro dia no Brasil, estive com ele no Chile. O dado concreto é que essa crise permite que todos os países se sentem à mesa em igualdade de condições.

O Brasil, que há pouco tempo era um país que era lembrado porque não tinha estabilidade, porque não tinha reservas, porque não tinha credibilidade, hoje o Brasil é lembrado como um país de bons exemplos. Nós temos estabilidade, temos um sistema financeiro saudável, temos uma política social muito forte. Tomamos medidas, recentemente o ministro Guido Mantega anunciou a questão da indústria automobilística, do IPI, a questão da indústria de motocicletas, a questão da indústria da construção civil, mantivemos todas as obras de infraestrutura. Portanto, o Brasil se senta à mesa desta vez com muita humildade, mas tendo coisas para dizer aos países ricos. Eu disse ao Vice-Presidente americano, lá no Chile: é a primeira vez que nós faremos uma reunião em que os países emergentes não estão precisando dos países ricos.

**Jornalista:** E nessa briga (incompreensível)...

**Presidente:** É a primeira vez que nós nos sentamos em igualdade de condições. O que é importante? Se os países ricos resolverem os seus problemas, já é meio caminho andado. O que é meio caminho andado? É resolver o problema do sistema financeiro interno de cada país, para que os bancos voltem a fazer crédito para a população. É restabelecer a confiança,



para voltar a consumir. Já seriam 50% ou 60% do caminho andado. E eu acho que eles têm consciência de que têm que fazer isso, é apenas uma questão de tempo.

Da nossa parte, nós vamos dizer, mostrar o que o Brasil tem feito – e temos feito muita coisa – e ao mesmo tempo vamos mostrar que é preciso recuperar a capacidade de empréstimos das instituições multilaterais de financiamento, como o FMI, como o Banco Mundial, como os bancos regionais.

Na hora em que a economia voltar a irrigar, eu tenho certeza de que tudo vai voltar à normalidade.

**Jornalista:** Presidente, o senhor acha da proposta chinesa de não usar mais o dólar como...?

**Presidente:** Eu vou esperar o Hu Jintao colocar a proposta na mesa. É uma proposta que eu tenho acompanhado pela imprensa, eu quero ver como o Jintao vai colocá-la na mesa. Eu vou ter, depois, uma bilateral com o presidente Hu Jintao. A mim interessa que a gente tenha mais que uma moeda de referência, que não se fique apenas dependendo do dólar.

**Jornalista:** (incompreensível)

**Presidente:** Eu vou ver qual é a proposta dele. Eu acho interessante que a gente tenha outras possibilidades, que não se fique apenas dependendo do dólar. No caso do Brasil, nós começamos a estabelecer o nosso fluxo de balança comercial com a Argentina em pesos e em reais. A idéia é a gente estender isso para todos os países com que nós temos relações comerciais no Mercosul e na América do Sul.

**Jornalista:** Presidente, a Europa enfatiza a questão da regulação dos paraísos



fiscais. Os Estados Unidos têm enfatizado, como prioridade, (incompreensível) econômico. O Brasil está mais próximo da posição européia ou da posição norte-americana?

**Presidente:** Veja, nós somos favoráveis a que haja um controle dos paraísos fiscais. Não é possível - eu disse na entrevista com o Sarkozy - que não existe nenhuma explicação para o mundo ter uma economia real que investe no setor produtivo e ter uma economia que termina por esconder o crime organizado, o narcotráfico, a lavagem de dinheiro, não é possível. Eu acho que em respeito às pessoas que estão hoje querendo mudar a economia mundial, eu acho que nós temos que tomar uma atitude com relação aos paraísos fiscais.

**Jornalista:** Mas se tivesse que escolher um modelo, Presidente, qual é o modelo...

**Presidente:** Não tem que escolher modelo.

**Jornalista:** ...que mais atrairia: um europeu, mais estável ou...

**Jornalista:** Mas Sarkozy diz que tem 100% de compatibilidade com o pensamento brasileiro.

**Presidente:** Não tem um modelo europeu ou um modelo americano. Nós precisamos das duas coisas: fazer o sistema financeiro voltar a funcionar para irrigar o setor produtivo e irrigar o crédito, e nós temos os paraísos fiscais que nós queremos controlar. Ao mesmo tempo, nós temos que ter também uma regulação para o sistema financeiro, para não permitir que volte a acontecer a alavancagem que aconteceu e que causou a crise econômica.



**Jornalista:** Mas os dois lados estão brigando, justamente porque não dá para fazer tudo, não é, Presidente?

**Presidente:** Nós vamos fazer o que é possível fazer. Eu aprendi na minha vida prática a não esperar milagres. Nós vamos construir aquilo que é possível fazer. O que é importante é que os sinais que sejam dados a partir da reunião possam despertar na sociedade a esperança de que as coisas vão começar a melhorar. Se breçar a crise nos países ricos, já está bom.

**Jornalista:** Presidente, o que significa na prática, essa aproximação entre o Brasil e a França, no que diz respeito ao G-20?

**Presidente:** Significa muita coisa. Não no que diz respeito ao G-20, é muito antes e muito além do G-20 a nossa parceria estratégica com a França. A França é um país que tem um grande potencial científico-tecnológico. A França é um país rico, e o que nós queremos é fazer uma parceria estratégica que possa permitir a troca de conhecimento entre Brasil e França. Portanto, não depende do G-20.

**Jornalista:** Na (incompreensível) do G-20, o senhor trocou correspondência com o presidente Sarkozy, né?

**Presidente:** Mas troquei com muita gente. Eu já falei com o primeiro-ministro da Austrália, eu já falei com o Obama, já falei com a Michelle, com a Cristina ontem, já falei com o rei da Arábia Saudita ontem. (incompreensível), na verdade, é que nós estamos estabelecendo contato para ver...

**Jornalista:** E com o presidente chinês?



**Presidente:** Vou falar com o Hu Jintao. Estarei na mesa com ele. [Vou] falar com o primeiro-ministro da China. Eu acho que essa é uma reunião em que a gente tem que trabalhar com muita expectativa de que todos estejam dispostos a ajudar a encontrar uma saída para resolver o problema de todos.

Eu me sentarei à mesa, junto com o Guido, com a convicção de que o Brasil tem lições a dar de como evitar e de como combater a crise econômica.

**Jornalista:** Presidente, agora tem dois movimentos: de um lado, ontem, o México decidiu pegar o dinheiro lá que (incompreensível), tomar uma linha de crédito do FMI. De outro lado, hoje, a Rússia disse que vai fazer justamente o contrário, quer colocar dinheiro no FMI (incompreensível) vai fazer o quê?

**Presidente:** Ótimo. Primeiro, pegar, o Brasil não precisa, porque o Brasil tem reservas suficientes, não estamos precisando de dinheiro.

**Jornalista:** Mas vai colocar dinheiro (incompreensível)?

**Presidente:** Depois, eu acho que, se for necessário, colocar dinheiro como empréstimo, desde que não diminua as nossas reservas, nós não temos nenhum problema. O Brasil não vai agir como se fosse um paisinho pequeno, sem importância. Se o Brasil quiser ser grande, o Brasil tem cacife hoje para colocar dinheiro emprestado para ajudar países mais pobres.

**Jornalista:** Quanto?

**Presidente:** Não me perguntem quanto.



**Jornalista:** Presidente, e no pacote de financiamento ao comércio internacional (incompreensível) o BNDES talvez participe também. Participaria ou não?

**Presidente:** Veja, nós já estamos participando.

**Jornalista:** Eu estou falando do pacote (incompreensível).

**Presidente:** Veja, quando o Banco Central disponibiliza U\$S 36 bilhões das nossas reservas para facilitar as nossas exportações, é uma contribuição extraordinária. Quando o Tesouro aporta R\$ 100 bilhões para facilitar que o BNDES tenha mais capacidade de incentivo a projetos de desenvolvimento, é uma contribuição extraordinária. O que eu quero é que os países façam mais ou menos o que o Brasil está fazendo. Se todo mundo fizer, a economia vai voltar à normalidade com maior rapidez. E depende muito dos Estados Unidos, é por isso que eu digo para você que eu rezo para o Obama. Espero que as minhas preces sejam atendidas e que ele, amanhã, chegue com bastante disposição...

**Jornalista:** O que o senhor está esperando concretamente do presidente Obama, amanhã?

**Presidente:** Não, não vou...

**Jornalista:** (em espanhol).

**Presidente:** Nós não estamos discutindo isso. A reforma do FMI é uma coisa. Nós precisamos separar as coisas. Uma coisa é a discussão emergencial para retomar a atividade econômica e normalizá-la no mundo. A outra coisa é que





você tem mais tempo, portanto, você não tem que tomar a decisão amanhã, para mudar as regras de funcionamento das instituições de financiamento multilaterais. Isso não precisa ser amanhã, pode ser daqui a um mês, daqui a dois meses, daqui a quatro meses.

Agora, a questão do crédito é rápida. O Brasil, em uma semana, anunciou um plano de construção de habitação de 1 milhão de casas, depois o Brasil anunciou a manutenção da redução do IPI para a indústria automobilística. Hoje, dia 1º, está sendo anunciada no Brasil uma ajuda financeira para estabelecer o crédito do fundo garantidor dos próprios bancos, para que os bancos pequenos voltem a funcionar normalmente, sobretudo para a pequena e média empresa, para automóveis. Ontem mesmo foi anunciado mais incentivo para que o povo possa comprar material de construção civil mais barato. Ou seja, nós estamos fazendo tudo o que está ao nosso alcance para facilitar a vida daqueles que querem comprar, daqueles que querem produzir, daqueles que querem vender. É essa a lógica que nós queremos estabelecer no mundo. Qual é o agravante? É que não tem crédito. Por quê? Porque o dinheiro desapareceu e aí somente o Guido é que pode dizer onde é que está o dinheiro.

**Jornalista:** Mas (incompreensível) declaração final, Presidente, os documentos são justamente vagos em relação a isso, não é? Que é o que o senhor critica. Os documentos não vão resolver (incompreensível).

**Presidente:** Deixe-me dizer uma coisa: hoje à noite eu vou chegar a Londres, depois que eu for a um jantar com o Gordon Brown, vou me sentar com o companheiro Guido Mantega, vou ler a declaração, vou ver quais são os pontos, vamos conversar, eu, o Celso, o Guido e o Marco Aurélio, e depois, amanhã, nós preparamos a nossa participação amanhã, o que a gente vai falar, como é que a gente vai falar, se a gente vai se levantar, se vai ficar



sentado. Isso, com muita tranquilidade.

O que eu acho importante é que todo mundo está se dando conta de que nós temos um problema sério para resolver. Eu penso que os Estados Unidos estão se dando conta de que a maior parte, a maior fatia do problema nasceu lá, e a solução também estará lá.

**Jornalista:** Presidente, está cheio de manifestações em Londres. O que o senhor diria aos manifestantes: “Calma, que a gente vai resolver o problema”?

**Presidente:** Manifestação é a maior demonstração de democracia de uma sociedade.

**Jornalista:** Presidente, a sua frase dos “brancos de olhos azuis” repercutiu muito na Europa. O Sarkozy chegou a comentar (incompreensível)?

**Presidente:** Foi bom.

**Jornalista:** O primeiro-ministro Brown comentou que o senhor disse que quando era sindicalista culpava o patrão, depois culpava o governo, e agora culpa a Europa e os Estados Unidos.

**Presidente:** Eu disse isso no Chile, na reunião que fizemos. E disse que essa crise é uma crise que a gente sabe onde nasceu, por que nasceu, quem causou a bolha. Mas a responsabilidade é tão grave, que a gente vai ter que participar, todos juntos, para tentar encontrar uma solução. Ou seja, eu encontrei um cidadão moribundo, baleado, e eu não vou ficar perguntando quem é que deu o tiro e que calibre tinha a bala, eu vou tentar levar a pessoa para o hospital e tentar salvá-la, para depois a gente discutir o caso.

Eu acho que nós temos que recuperar a economia mundial. Ela está



moribunda, e nós sabemos a razão pela qual ela está assim. Então, em vez de ficarmos apenas discutindo quem é o culpado ou quem não é o culpado, nós temos que discutir qual é a solução. Alguns terão mais responsabilidade que outros, e todos terão que ter responsabilidade.

O que nós não podemos é exigir dos países pobres, que são as maiores vítimas dessa crise, que arquem com alguma coisa para poder ajudar FMI, Banco Mundial, Banco Interamericano, banco asiático, banco africano. Quem tem que fazer isso são os países que têm mais dinheiro.

**Jornalista:** Mas o senhor acabou de dizer que o senhor está preparado para (incompreensível)

**Presidente:** O Brasil não é um paisinho pobre e pequeno, é um país grande. O Brasil, o que faltava para ele era respeito. Como, agora, ele se autorrespeita, então nós poderemos fazer as coisas mais em igualdade de condições.

**Jornalista:** Presidente...

**Presidente:** (incompreensível). Agora o Guido está à disposição de vocês.

(\$31EGJLMQ)